

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ÉRIKA PATRÍCIA BARBOSA DE LIMA

**O processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres –
Núcleo Agreste de Pernambuco**

CARUARU

2017

ÉRIKA PATRÍCIA BARBOSA DE LIMA

**O processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres –
Núcleo Agreste de Pernambuco**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Allene
Carvalho Lage

**CARUARU
2017**

Catálogo na fonte:

Bibliotecária – Paula Silva – CRB/4-122

L732p Lima, Érika Barbosa de.
O processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres; núcleo agreste pernambucano. / Érika Barbosa de Lima. – 2017.
50f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2017.
Inclui Referências.

1. Feminismo (Pernambuco). 2. Identidade de gênero (Pernambuco). 3. Patriarcado (Pernambuco). 4. Movimentos sociais (Pernambuco). I. Lage, Allene Carvalho (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2017-191)

Avaliação Final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aluna: Érika Patrícia Barbosa de Lima

Título do Trabalho: O processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres
– Núcleo Agreste de Pernambuco

Monografia () Artigo Científico ()

Data de Defesa: 17 de julho de 2017

Orientadora: Profa. Dra. Allene Carvalho Lage

Nota ()

Avaliadora 1: Prof^a Ms. Maísa dos Santos Farias

Nota ()

Avaliadora 2: Prof^a. Ms. Elba Ravane Alves Amorim

Nota ()

Nota final ()

Aprovado () Aprovado com correções () Não Aprovado ()

Comentários necessários

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres que são subversivas, empoderadas e autodeterminadas. Que ousam lutar todos os dias contra a opressão do machismo, do sexismo e da sociedade patriarcal.

A minha mãe por tudo que faz e tem feito por mim, pelas madrugadas que eu te deixei preocupada, pela força e exemplo para continuar nessa jornada nada fácil, por estar comigo sempre em cada conquista e perda, por sempre me incentivar aos estudos, por ter criado duas filhas sozinha dando amor incondicional, e apesar de tudo que sofreu jamais deixou de lutar e ser essa mulher guerreira, tenho muito orgulho de ser sua filha. A minha vó, Dona Maria do Sindicato, que me ensinou desde pequena que o lugar da mulher é onde ela quiser, que rompeu com os paradigmas criado pela sociedade patriarcal e se tornou a primeira e única mulher presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Gravatá, mãe de 14 filhos (3 in memoriam), uma guerreira que criou os seus filhos sozinha e que me mostra todos os dias o amor de mãe e vó. A minha irmã e seu marido por toda a ajuda e acolhimento de família que tenho de vocês em cada dia, pela ajuda a superar as dificuldades e por terem me dado o meu sobrinho João Vitor que é o amor da minha vida, meu filho posição que tem me ensinado muito e me faz pensar e almejar tanto uma sociedade melhor, igualitária e de respeito as mulheres.

As minhas amigas e amigo do curso: Filipe (Fêfa) por sempre me acolher em sua casa, pelas noitadas maravilhosas que nos faziam viver a vida, pela imensa ajuda, força, incentivo e paciência, por ser o irmão que eu nunca tive; a Priscila que incentivou e compartilhou vários trabalhos acadêmicos, que me ensinava a ser mais calma e agir com menos impulsividade, que foi muito amiga e que me repreendia fortemente também; a Vanessa que com suas loucuras, mostrava cada vez mais a sororidade entre as mulheres, o empoderamento de uma mãe lésbica, e sua incrível amizade.

Ao meu namorado que me ensina constantemente a trilhar novos caminhos, me incentiva no crescimento acadêmico, por ser um homem pró-feminista, e pelo seu amor e paciência.

As minhas amigas de trabalho, em especial Joselma (minha mãezona, sempre me dando forças para não desistir), Julimagda (por me levar aos melhores congressos, me ensinar a ser uma mulher mais empoderada e desconstruída, pela paciência e força nos momentos mais turbulentos) e pela minha pareia Natália (minha amiga-irmã, que me

ajudou, me socorreu, me salvou em muitos momentos difíceis que a graduação e o trabalho exigia mais de mim do que eu conseguia aguentar, por todos os seus conselhos, pela amizade).

Aos meus amados amigos agradeço imensamente pelas nossas farras, pela paciência, pelo carinho e amor de vocês.

A Marcha Mundial das Mulheres pelo acolhimento, por me ensinar a ser uma mulher mais empoderada, pelas formações, pelo conhecimento adquirido, pela troca de experiências e saberes, por me tornar cada vez mais uma mulher subversiva, pelo apoio em minha pesquisa.

Aos homens machistas que passaram pela minha vida, pois vocês me tornam cada vez mais uma mulher independente, forte, guerreira e fiel em meus ideais de luta e vida.

Dedico às/aos minhas/meus professoras/professores da UFPE-CAA, por me mostrarem que eu sempre posso ir além, que a vitória vem de muito esforço, dedicação e dificuldades, por me formarem como uma profissional mais compreensiva e acolhedora.

À minha orientadora Allene Lage, por me acolher, pela confiança, pelo incentivo, pela compreensão e por tudo que ensinou e tem me ensinado.

Aos meus familiares que estiveram presentes comigo nessa jornada, que me auxiliaram nessa conquista em especial Tia Céia e Paulo Augusto, pelos livros, pelas formações, por me acolherem em sua casa e pelo imenso carinho.

A Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada e que sempre esteve em minhas orações, me fazendo ter forças para continuar.

*“Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a nossa liberdade seja
Nossa própria substância. ”
(Simone de Beauvoir).*

RESUMO

A presente monografia é um estudo sobre a formação política desenvolvida na Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste. Temos como objetivo geral compreender como se dá o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres diante de uma sociedade patriarcal, juntamente com os objetivos específicos: identificar o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres; caracterizar o Movimento da Marcha Mundial das Mulheres e descrever as principais condições de opressão sexista o qual as mulheres vivem no patriarcalismo. Este trabalho justifica-se pela emergência de uma prática feminista dentro dos movimentos sociais, como é o caso da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste. Nossa problematização é saber como ocorre o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres diante de uma sociedade patriarcal? Em nossa metodologia adotamos uma pesquisa qualitativa/ exploratória/ explicativa e descritiva (GIL, 2002; MINAYO 2008; DESLAURIERS, 2008; LAGE, 2013) apoiada ao estudo do Caso Alargado (SANTOS, 1983) para análise e sistematização dos dados, também utilizamos as bases teóricas apoiadas pelas epistemologias feministas e teorias de gênero para situar o nosso trabalho dentro de um contexto atual. Nossas conclusões foram na linha horizontal e não-linear de construir o conhecimento sobre os enfrentamentos oriundos do patriarcado e do sexismo, construindo uma epistemologia feminista de prática não sexista.

Palavras-chave: Feminismo. Formação Política. Gênero. Patriarcado.

ABSTRACT

This article is a study about the political formation developed at the World March of Women – Agreste. Our general objective is to understand how the process of political formation of the World March of Women takes place before a patriarchal society, together with the specific objectives to identify the process of political formation of the World March of Women; Characterize the Movement of the World March of Women and describe the main conditions of sexist oppression in which women live in patriarchalism. This work is justified by the emergence of a feminist practice within social movements, such as the World March of Women – Agreste. Our problem is to know how the process of political formation of the World March of Women takes place before a patriarchal society? In our methodology we adopted a qualitative / exploratory / explanatory and descriptive research (GIL, 2002; MINAYO 2008; DESLAURIERS, 2008; LAGE, 2013) supported by the study of the Alargado Case (SANTOS, 1983) for data analysis and systematization, also we used theoretical bases supported by feminist epistemologies and gender theories to situate our work within a current context. Our conclusions were on the horizontal and nonlinear line of building knowledge about patriarchal and sexist struggles, building a feminist epistemology of non-sexist practice.

Keywords: Feminism. Political Formation. Gender. Patriarchy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 A Emergência do Feminismo	13
1.2 Formação Política	16
1.3 Patriarcado	19
2. METODOLOGIA	23
2.1 Tipo de Estudo	23
2.2 Método da Pesquisa	24
2.3 Delimitação e Local da Pesquisa	25
2.4 Fontes de Informação.....	25
2.5 Técnicas de Coleta	26
2.6 Registro do Campo	26
2.7 Análise e Sistematização de Dados	27
3. O CONTEXTO DA FORMAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO FEMINISTA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES - NÚCLEO AGRESTE.....	28
3.1 A emergência do feminismo	30
3.2 Formação Política	32
3.3 Patriarcado	32
4. ANÁLISE DO CASO DA FORMAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO FEMINISTA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES - NÚCLEO AGRESTE	34
4.1 A emergência do Feminismo	36
4.2 Formação Política	39
4.3 Patriarcado	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Diante do almejo de construirmos uma sociedade mais igualitária, livre do preconceito, no qual homens e mulheres sejam tratados e respeitados da mesma forma, é necessário identificar e compreender as dificuldades que nós mulheres temos tido para promover reivindicações e lutas em nossa defesa, com isso problematizar, subverter e desestabilizar a sociedade patriarcal. Do mesmo modo em que nós estudantes e profissionais da educação, precisamos ter uma consciência crítica que estamos numa sociedade machista, que nos envolve em situações para que continuemos a reproduzir e perpetuar o machismo, o sexismo, a homofobia, o preconceito, o racismo e o capitalismo. Em contrapartida os movimentos sociais vão pensar em valores e crenças, para ações coletivas que objetivam alcançar mudanças sociais através do embate político por meio de suas ideologias. No atual cenário político do país com o “impeachment” da primeira mulher presidenta do Brasil, onde se registra uma forte transformação, podemos observar o preconceito com as mulheres no poder, temos um governo que não tem mulheres em seus ministérios e que promove ações para conservar o autoritarismo dos homens em relação às mulheres e ao poder. O movimento feminista tem se fortalecido e aumentado sua visibilidade, em manifestos para a conscientização do papel da mulher na sociedade e no poder, as pautas utilizadas mostram principalmente a formação política dessas mulheres para as conquistas dos seus direitos.

A perspectiva educativa no movimento feminista será outro ponto crucial do nosso estudo, pois mostrará o trabalho de ativistas nas mais variadas ações de reivindicações contra a sociedade patriarcal, ora nos âmbitos das Universidades e Faculdades, ora nas ruas ou em Organizações. O movimento feminista abordado no presente estudo será a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) que tem diversas conquistas alcançadas no Brasil e no mundo, como o direito a creche, o aumento do salário mínimo, as delegacias das mulheres (tanto as móveis na região norte e como as sedes fixas), economia solidária, entre outras ações nas quais MMM se agrupava com outros movimentos feministas. E muitas pautas que ainda continuam com muitas reivindicações e tendo retrocessos diante do atual cenário político, como é o caso da Legalização do Aborto; o combate a lesbofobia, bifobia e feminicídio; a entrada de mais mulheres nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Diante das minhas inquietações enquanto mulher que luta para o empoderamento feminino, trago como principal tema da pesquisa as experiências políticas que acontecem na Marcha Mundial das Mulheres, para que estas mulheres que participam, percebam a reprodução da cultura machista e façam reflexões de resistência com vista ao empoderamento. Dessa maneira pode construir uma perspectiva feminista, na busca da sociedade igualitária e transformadora para a superação do sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente.

Assim, contribuirei para minha formação de pedagoga, pesquisadora e estudante, focalizando a temática feminista por meio da Marcha Mundial das Mulheres, buscando conhecer a experiência de formação política, visto que os debates falam acerca da luta incansável das mulheres para a resistência da reprodução dessa sociedade machista e patriarcal. Diante dessa conjuntura este exercício de pesquisa pretende expandir reflexões para a seguinte pergunta: **Como ocorre o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Agreste diante de uma sociedade patriarcal?**

Com o problema apresentado, pretendemos refletir sobre o processo de formação política das mulheres, a partir da Marcha Mundial das Mulheres – Núcleo Agreste (MMM – NA) diante da sociedade patriarcal e machista que vivemos, na qual a mulher é tratada e vista como um ser inferior aos homens e que lhes devem respeito e obediência; como reverter esse quadro de relação de poder e opressão para uma sociedade igualitária, buscando fazer dessas formações espaços para o fortalecimento das mulheres, para a tomada de consciência da importância da atuação da mulher na sociedade e para a construção de pautas de lutas e reivindicações. O principal objetivo dessa pesquisa é compreender como se dá o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres diante de uma sociedade patriarcal. Entre os objetivos específicos, podemos destacar os seguintes: a) caracterizar o Movimento da Marcha Mundial das Mulheres enquanto espaço de formação; b) identificar o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres e c) descrever as principais condições de opressão sexista em que as mulheres vivem no patriarcalismo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Emergência do Feminismo

Ao longo do processo histórico sempre houve mulheres que não aceitavam de forma pacífica a condição na qual eram lhe impostas, mulheres que sempre se rebelaram por lutarem por sua liberdade, e sempre foram negadas e silenciadas em sua contribuição histórica por uma ideologia patriarcal e machista. Para iniciarmos a compreensão sobre o feminismo, compreendemos seu conceito a partir das afirmações de Teles (1993):

O feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e exploração de grupos de pessoas sobre as outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 1993, p.10).

Nesse sentido entendemos que o feminismo está ligado ao conceito de libertação, pois as mulheres têm sido vítimas do imaginário patriarcal que as colocam como inferiores ao poder, a força e a inteligência do homem, mostrando que existe uma opressão contra as mulheres, e essa libertação vai se caracterizando por sua emancipação e empoderamento, na busca de igualdade de direitos.

As/os pesquisadoras/es costumam dividir o movimento feminista em três fases denominadas “ondas feministas”. A primeira onda do feminismo, foi no século XIX e meados do século XX, internacionalmente foi identificada como sufragista, que foi desenvolvido principalmente nos países de capitalismo avançado, como Estados Unidos e na Inglaterra. Onde as mulheres saíam às ruas e exigindo maior participação no mundo político, e o principal anseio das militantes foi o direito ao voto e garantias de igualdade de direitos entre os sexos. Esta onda se estendeu a outros países como o Brasil, onde a onda sufragista é caracterizada por traços de um feminismo burguês, branco e heterossexual, direcionados para mulheres das camadas sociais alta e média sociedade brasileira, que tiveram oportunidade de estudar em outros países.

Dentre as grandes militantes feministas no Brasil, a luta pelo voto feminino no Brasil foi conduzida inicialmente por Bertha Lutz que foi uma:

Cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a

aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010, p.16).

As principais táticas usadas pelas sufragistas no Brasil eram a divulgação de suas atividades pela Imprensa, que tinham como objetivo conseguir maior visibilidade política e o lobbying (pressão sobre os membros do Congresso). Em paralelo ao movimento das sufragistas, as tecelãs e as costureiras grevistas batalhavam pela redução de jornada e melhores condições de trabalho. Em 1933 as mulheres conquistam esse direito, que Getúlio Vargas (19 de abril de 1882 -24 de agosto de 1954) assegurou na Constituição de 1934. O voto de fato para as mulheres ocorreu em 1945 com a queda do atual governo. Como nos mostra a Constituição Federal:

Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, que regulou as primeiras eleições pós-ditadura Vargas, ao estabelecer a obrigatoriedade do alistamento e do voto, fez a essa regra geral algumas ressalvas, entre outras, para as mulheres que não exercessem função lucrativa (art. 4º). (...) O alistamento e o voto das mulheres só passaram a ser irrestritamente obrigatórios a partir da Constituição Federal de 1946, excepcionando-se, é claro, as situações genéricas legalmente previstas de suspensão ou perda de direitos políticos (incapacidade civil absoluta, condenação criminal transitada em julgado etc. (www.tse.jus.br/eleitot/glossario/termos/voto-da-mulher, acessado em abril de 2017)

No início da conquista do voto no Brasil as mulheres que não tinham atividades lucrativas não tinham direito ao voto. A obrigatoriedade do voto feminino só se estendia às mulheres que se alistavam no Exército militar. Mas em 1946 o voto se tornou obrigatório no país. E as mulheres conquistavam também a participação na política, sendo candidatas a cargos públicos, como vereadoras e deputadas.

A segunda onda do feminismo teve início na década de 1960 e continuou até o final de 1980, ficou marcada com o livro de Simone de Beauvoir: “O segundo sexo” (1949). No Brasil a segunda onda viveu fortes movimentações no campo das lutas das mulheres, mas em 1964 com o golpe da Ditadura Militar, a forte repressão do regime ditatorial tentou silenciar mais uma vez as mulheres. Ao decorrer das grandes manifestações feministas pelo país pelo fim da Ditadura, a ONU (Organização das Nações Unidas) decretou em 1975 o ano Internacional da Mulher. As comemorações dessa data foram realizadas no Rio de Janeiro com o tema: “O papel e comportamento da mulher na

realidade brasileira”. Neste ano as mulheres feministas lutavam também pela anistia das mulheres que foram expulsas do Brasil. Ao regressarem ao país, essas mulheres traziam uma bagagem de cultura e política nas formas de pensar e desestabilizar os padrões impostos pela sociedade brasileira. Como nos fala Céli Pinto (2003):

A anistia trouxe de volta ao Brasil um conjunto significativo de militantes que haviam sido a vanguarda da esquerda brasileira nos anos de 1960. Pessoas que viveram por muitos anos no exterior, principalmente na Europa, voltavam com novas idéias e muitas vezes chocavam aqueles que haviam crescido no Brasil da década de 1970 e idealizavam os líderes exilados. Mas a anistia também marcou o início de uma época de maior liberalização, menos repressão, menos medo e mais possibilidades de manifestação (PINTO, 2003, p. 67)

Nesse momento as feministas alcançam grande repercussão por todo o país, onde diferentes conjunturas eram organizadas na luta pelo direito das mulheres e sua principal articuladora foi Therezinha Zerbini¹. As mulheres feministas começam a introduzir os estudos da mulher nos vários campos do conhecimento, trazendo ao debate características universalizantes femininas, denunciando sua invisibilidade e criando grupos para reescrever a história e “novas vozes começaram a ecoar dentro do restrito campo científico, reivindicando pluralidade assumindo uma luta – protagonizada por intelectuais feministas – para denunciar uma tradição científica sexista” (LAGE, 2008, p. 202). As pesquisadoras feministas denunciavam a neutralidade da ciência, assumindo uma subversão ao escrever e a interpelar os discursos machistas. Como nos fala Céli Pinto (2003)

A relação de feminismo com o campo político a partir de 1979 deve ser examinada de três perspectivas complementares: a conquistas de espaços no plano institucional, por meio de conselhos da condição da mulher e delegacias da mulher; a presença de mulher nos cargos eletivos e as formas alternativas de participação política. Em qualquer um desses espaços a presença das mulheres e, mais do que isso, de feministas tem sido fruto de múltiplas tensões resultantes de fatores como a própria resistência de um campo completamente dominado por homens, à entrada de mulheres e a estratégia do próprio movimento, que muitas vezes viu o campo da política como ameaça à sua unidade” (PINTO, 2003, p. 68-69).

A terceira onda veio na década de 1990 e continua até nossos dias atuais, que é marcada pelas pluralidades femininas, onde dentro do movimento feminista há outros subgrupos que ganham destaque como é o caso das mulheres negras, lésbicas, bissexuais,

¹ Foi uma assistente social, advogada e ativista de direitos humanos brasileira, fundadora e líder do movimento feminino pela anistia.

transexuais e trabalhadoras rurais. Algumas pesquisadoras denominam esse momento como pós-feminismo. De acordo com Macedo (2006) esse termo se explica:

O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo "plural", que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem, contudo, pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou "fetichizar" o próprio conceito de diferença (MACEDO, 2006, p. 814).

Nessa situação, cada grupo de mulheres luta diante das suas principais necessidades, reconhecendo as diferenças da diversidade de mulheres que são envolvidas no Movimento feminista, sem que um grupo se sobressaia ao outro, mas que no coletivo todas as mulheres consigam a igualdade entre homens e mulheres.

1.2 Formação Política

A divisão de classes sociais sempre ocorreu no Brasil e no mundo, com a chegada do capitalismo a desigualdade social cresceu mundialmente, a população que vinha lutando por direitos não firmados, compreendeu que a partir da união entre as/os sujeitas/os subalternizadas/os na luta organizada poderiam reivindicar um novo modelo de sociedade anticapitalista. Como contextualiza Maria Militão:

Em qualquer contexto dado, a organização das classes subalternas é uma exigência fundamental, pois é na luta organizada que os segmentos sociais subalternos podem elevar sua consciência e sua solidariedade e se constituírem em sujeitos coletivos. (MILITÃO, 2014, p.619)

Quando nos deparamos com um grupo ou vários grupos de pessoas que comunguem do mesmo pensamento, da mesma luta de classes, a troca de experiências nos mostra o quanto somos colocados à margem e silenciados por uma sociedade capitalista. Quando tomamos a consciência que somos seres capazes de reivindicar nossos direitos notamos o quão se faz importante o coletivo junto, criar uma bandeira de luta, estar preparado e com ações organizadas para desestabilizar a classe dominante. Pois entendemos que “ é na coletividade que se elabora uma identidade e se organizam práticas por meios das quais os sujeitos expressam e defendem seus interesses e vontades. ” (MILITÃO, 2014, p.619)

Diante das lutas travadas por esse coletivo, percebe-se que ter o conhecimento empírico de outras/os subalternizadas/os não se conquistaria espaços nos quais a classe

dominante deliberaria negociações para tentar resolver esses conflitos. Descobre-se então o quão necessário é sair do empírico, para buscar outras possibilidades de participação política com uma nova demanda até então diferenciada dos movimentos sociais na qual é exigida a formação política qualificada dos participantes acerca da atuação desse coletivo na luta por direitos. Na Constituição Federal de 1988, as institucionalizações dos espaços de participação política foram reconhecidas, como Perella (2012) nos afirma que:

Não basta a criação desses espaços, é preciso qualificar as pessoas para a sua devida ocupação, enfim, para que se constitua como espaço democrático, caso contrário, o que pode se ter é a criação de espaços em que a pseudodemocracia se instala, uma vez que podem servir à manipulação, à manutenção de ações comprometidas com o sistema opressor e dominante (PERELLA, 2012, p.64).

Com isso, a pesquisadora nos apresenta o quanto é importante essa formação política no sentido de que as pessoas se qualificando criem espaços de democracia, que compreendam o sistema de opressão e da classe dominante, para que não sejam manipulados e com isso deixem de lutar por seus ideais de ações sociais coletivas e estejam prontos para participar de confrontos e negociações entre o sistema opressor e os oprimidos. Para compreendermos a formação política nos movimentos sociais é necessário entender que os movimentos abrangem diferentes e diversificados tipos de ações, em síntese a pesquisadora Maria da Glória Gohn (2011) nos explica que os movimentos sociais se pautam com:

[...] ações sociais coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, que viabilizam distintas formas de organização e de expressão das demandas da população. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes pressões diretas (mobilizações, marchas, concentrações, distúrbios de ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.) até as pressões indiretas (GOHN, 2011, p. 335).

No contexto de luta e resistência, os movimentos sociais precisam de mobilizações que ocorram antes com seus sujeitos que participam (análise de conjuntura), para que percebam seu papel diante das ações que irão realizar. Como uma tomada de consciência, a compreensão de sua ideologia, o respaldo político que envolve a sua ação, pois para adotar as mais diferentes pressões se faz necessário processos educativos de formação com o povo.

Em um processo evolutivo, o contexto social vai se desenvolvendo e se revelando em estratégias aprimoradas para a formação política. Desta forma se faz necessária a

participação política dos sujeitos, que inicia a partir de suas próprias práxis embasadas no saber empírico e sustenta por bases científicas, que são sustentadas com epistemologias contra hegemônica, visando a garantia de direitos para uma sociedade democrática e participativa. Perella (2012) em seu texto traz perspectivas de aprendizagem e participação política, que entendemos como ações que acontecem a partir das formações políticas:

- Lutar pela apropriação dos espaços públicos, apropriar-se do conceito de sujeito coletivo;
- Enfrentar as dificuldades, apontar questões a partir da vida cotidiana;
- Desenvolver dimensão de projeto, criar estilos em suas manifestações públicas, projetar a luta que deve ser assumida pela sociedade;
- Criar estratégias de maior visibilidade, elaborar discursos e práticas a partir de conhecimentos também adquiridos no próprio movimento- e, à medida que se sente parte do movimento, entende pelo que se luta, construir-se como sujeitos sociais [...] (PERELLA, 2012, p.7-8).

Nesse contexto, as aprendizagens desenvolvidas nas formações, embasam o projeto político ideológico do movimento, aproximando o povo a este contexto de mobilização política, possibilitando a passagem de consciência ingênua para a consciência crítica que Paulo Freire (1979) aborda, como a saída da caixa mágica para situações autênticas da realidade; onde não se aprofunda na interpretação dos problemas e tende ao simplismo passando para uma profundidade na análise de problemas.

Diante das aproximações teóricas que abarcamos até agora sobre as abordagens epistemológicas de uma concepção de formação política contra hegemônica. Iremos apresentar essa formação política a partir da epistemologia feminista fazendo aproximações entre as teóricas. Nós mulheres, subalternas e silenciadas por essa sociedade machista, patriarcal e sexista, sofríamos cotidianamente com as opressões, que nos moldavam e nos faziam sentir culpadas pela violência que se mostrava como algo naturalizado. Sentimos a necessidade de sermos ouvidas e nos organizamos criando grupos de mulheres que dialogavam sobre as suas experiências e que se compreendiam como mulheres políticas, que lutam pelos enfrentamentos do patriarcado. Sobre o fortalecimento dos movimentos feministas as autoras Marlise Matos e Iáris Cortês destacam:

As mulheres de todo o mundo se organizaram enquanto sujeitos políticos, tendo como pontos de partida suas vivências de privações dos

mais distintos matizes. Ao longo desse século foram criados e fortalecidos os movimentos feministas e de mulheres, nas mais diversas formas, tonalidades, ritmos e articulações locais, nacionais e internacionais. (MATOS, CORTÊS, 2010, p.43)

Percebendo essa variedade de movimentos feministas podemos destacar a contribuição de reconhecimento e de pertencimento a esses movimentos que as mulheres adquirem ao participarem. As formações políticas são pensadas em um contexto da retirada da subalternização, da fuga do gueto para conquistar territórios antes nunca almejados, para afrontar e desestabilizar o ideário machista e sexista presentes historicamente em nossa sociedade. A MMM é um exemplo de formação política feminista que afronta com o patriarcado. Um dos mecanismos usados pela MMM para quebrar com a cultura hegemônica são os vários tipos de produção textual e artísticos que alertam as mulheres sobre o sistema sexista que estamos inseridas, também participam de fóruns de caráter local, regional, nacional e internacional, textos publicados na internet, textos distribuídos pelas coordenações nacionais e teatros que garantam a visibilidade de temas que levantam a bandeira de luta por uma sociedade igualitária. Como nos fala o Caderno da Marcha Mundial de las Mujeres (1998 – 2008):

Desde a criação da Marcha, as participantes produziram numerosos trabalhos do tipo pedagógico, textos que foram apresentados às mulheres em oficinas, apresentações, intercâmbios e até os quais elas redigiram coletivamente. Teatro-ação, canção-ação, jogo-ação, poesia, criações de manta realizadas em conjunto são as várias materializações concretas do trabalho de conscientização, realizado em todas as partes do mundo. (MARCHA MUNDIAL DE LAS MUJERES, 2008, p.28, tradução nossa)

Como podemos perceber, a formação política da Marcha Mundial das Mulheres compreende que é nas práxis que se efetivam o combate contra as opressões sexistas, materializadas a partir de uma prática pedagógica feminista, mostrando que para as mulheres seguirem em marcha lutando, se faz necessário que compreendam o que é a Marcha, seus princípios, seus valores, sua luta de classe e a emancipação feminina, embasadas tanto no campo empírico como científico, combatendo o patriarcado.

1.3 Patriarcado

Nos estudos feministas o termo patriarcalismo foi frequentemente utilizado para explicar a dominação masculina frente à condição feminina na sociedade. Onde o termo patriarcado é um conceito que deve ser utilizado de forma abrangente, abarcando todos os níveis da organização social, não apenas a família. Como nos afirma as autoras Morgante e Nader (2014) sobre o conceito de patriarcado enquanto:

Um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais (MORGANTE e NADER, 2014, p. 3).

Nesse contexto a autoridade imposta pelos homens sobre as mulheres e filhos/as permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, da religião, da legislação e cultura, na qual é arraigada e perpetuada de geração em geração. Até que os movimentos feministas reivindicam a não aceitação do que lhes são impostos pela sociedade, transformam e desestabilizam o pensamento pós-patriarcalista, lutando para quebrar esses paradigmas que vêm desde as sociedades tradicionais e que até hoje ainda são perpetuados. Segundo Neuma Aguiar (1997):

O patriarcado deixa de ser uma dimensão das sociedades tradicionais e passa ser uma característica das sociedades modernas, ou do processo de modernização, observado como um capitalismo patriarcal ou um patriarcalismo do Estado-de-bem-estar-social. (...) A exclusão das mulheres das possibilidades de contratação e os contratos salariais diferenciados para homens e mulheres são exemplos desse particularismo. (AGUIAR, 1997, p.177 e 178)

O modelo patriarcal nos impregnou durante vários séculos o ideário feminino, nos inferiorizando e o tempo todo utilizando de vários mecanismos para constituir no subconsciente que somos seres a mercê do ideário machista, e estes mecanismos estão fortemente arraigados em mulheres e homens. As discriminações que sentimos por sermos mulheres e as práticas sexistas reforçam que somos seres sem importância socialmente. Para compreendermos o que é o sexismo e como ele impregna a sociedade, Karin Smigay nos destaca:

Sexismo é a atitude de discriminação em relação às mulheres. Mas é importante lembrar que se trata de uma posição, que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres, portanto, o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre gêneros. Inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas de opiniões e de tendências a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social. (SMIGAY, 2002, p.34)

O patriarcado utiliza de violências sexistas para continuar suas práticas que discriminam e inferiorizam as mulheres, tanto por homens como pelas próprias mulheres.

Onde desde pequenas as meninas são ensinadas que devem obedecer à figura do pai e conseqüentemente o marido - que as mulheres devem cozinhar, cuidar dos filhos, serem boas domésticas, que as mesmas não têm direitos, que existem brinquedos e brincadeiras de homens e mulheres, que tem profissões que são feitas para mulheres e homens, fazendo com que cada vez mais as práticas sexistas perpetuem o lugar de homens e mulheres na sociedade. Para sintetizar a construção do feminino subalternizado Marilena Chauí (1995) apud Karin Smigay (2002) nos ressalta que:

As argumentações acerca da construção do feminino, nesse modelo, tomavam a mulher como submetida/passiva/vítima, ainda que produzindo ações violentas: a relação com o outro se estabelecendo sempre em condições de desigualdade. Ela não seria sujeito constituinte de seu destino. (CHAUÍ apud SMIGAY, 2002, p.36)

Essa construção sobre as mulheres a partir de uma perspectiva do patriarcado, na qual a mulher é um ser inferior, passivo e submisso, que sofre violências físicas e psicológicas que perpassam por ambientes que deveriam ser de pertencimento como a esfera da família e continuam a ser perpetuados na sociedade civil e no Estado, mostram que as relações patriarcais são de um domínio totalizante sobre a vida das mulheres. E essa dominação abarca os vários tipos de mulheres que dentro desse sistema totalizante de dominação masculina são silenciadas e subalternizadas. Como nos fala uma das maiores teóricas do Brasil em discussões de gênero e patriarcado, Heleieth Saffioti (2004):

As relações de patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o domínio de atividades públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo, e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. Para fins analíticos, trata-se de esferas distintas; são, contudo, inseparáveis para a compreensão do todo social. (SAFFIOTI, 2004, p.54)

Como podemos perceber na fala de Saffioti (2004) o patriarcado está intrinsecamente ligado ao pensamento social e também ao Estado, onde a concepção de política hegemônica silencia a luta das mulheres para evadir este sistema dicotômico. A fuga dessa dicotomia se dá pela luta da emancipação feminina. Como nos fala Lage (2008) a respeito da intensificação e emergência dos estudos e reivindicações do movimento feminista contemporâneo:

Desta forma, os movimentos feministas, para além das conquistas sociais e políticas empreendidas, têm provocado importantes reflexões em novas formas de pensar um dos campos mais hierarquizantes da história da humanidade: a ciência. Nesta acepção impulsionam o surgimento de espaços para questionar e desconstruir identidades subalternizadas, que sempre foram utilizadas para justificar ausências dentro do mundo científico, pondo fim aos silenciados questionamentos sobre os rumos da ciência e de seus projetos, interesses e compromissos. (LAGE, 2008, p. 203).

Essas práticas sexistas que perpassam pelo patriarcalismo vão interpelando características corporais, comportamentais, cognitivas, afazeres e funções profissionais próprios para cada gênero, fazendo com que os sujeitos masculinos ou femininos reproduzam falas, ditados populares, ações que continuam a arraigar essa violência sexista, sem compreender sua real dimensão de subalternidade e obediência, podendo assim as mulheres de serem percussoras de suas próprias vidas.

Como argumenta Guacira Lopes Louro (2007), as diferenças entre os gêneros, em princípio relacionadas à biologia, vêm servindo para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens, com intuito de inferiorizar e rotular as mulheres nos espaços sociais.

Teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos ‘próprios’ de cada gênero. (LOURO, 2007, p. 45).

É dentro dessas lutas dos coletivos feministas que as mulheres da Marcha Mundial das Mulheres atuam, combatendo o patriarcado, as colonizações do ser, desnaturalizando os papéis de gênero impostos pela sociedade e trazendo para o debate as intersecções da categoria mulher em suas maiores dimensões.

2. METODOLOGIA

Almejando o enriquecimento do nosso aprendizado a partir das experiências, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, pois acreditamos que este tipo de pesquisa abrange uma abordagem social sem desvincular a teoria com a realidade, buscando produzir informações aprofundadas. Para ampliar o conhecimento sobre as questões centrais da pesquisa qualitativa, trazemos as contribuições de Lage (2013):

A pesquisa qualitativa tem um viés que leva o investigador ao encontro de subjetividades que não conseguem se esconder, como acontece no universo da pesquisa quantitativa. As subjetividades afloram das regras e condicionamentos prévios, no contato, no diálogo e no confronto da realidade. Entender estas subjetividades e delas extrair novas compreensões requer metodologias claras, que possam admitir a diversidade de discursos, sentidos e sentimentos inéditos dos sujeitos de pesquisa em seus lugares de atuação (LAGE, 2013, p. 50).

Quando abordamos em uma pesquisa questões que envolvem sentimentos, opiniões, colocações dos sujeitos; estas não podem ser classificadas ou quantificadas; pois a pesquisa qualitativa se preocupa com a interpretação e a compreensão dos fenômenos a partir de reflexões e inferências. Desta forma Minayo (2008) diz que:

Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2008, p. 21).

Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes na qual se constitui o ser humano, num espaço mais profundo de relações, não podendo assim reduzi-lo a quantificar e classificar como na abordagem quantitativa.

2.1 Tipo de Estudo

Nossa pesquisa foi do tipo exploratória, explicativa e descritiva. Exploratória visto que será realizada sobre movimentos sociais de cunho feminista com o propósito de desvelar e compreender os vários aspectos desse tema em diferentes lutas sociais. Segundo a contribuição de Gil (2002):

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descobertas de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

Será também explicativa, pois terá a preocupação central de identificar o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres e os fatores que contribuem para a ocorrência de fenômenos que afetam de maneira positiva ou negativa, os processos de luta e resistência do mesmo. Segundo as contribuições de Gil:

Tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, por que explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2002, p. 42).

E também foi descritiva, pois descrevemos as principais condições de opressão sexista em que as mulheres vivem no patriarcado. Nesta perspectiva, a pesquisa descritiva, segundo Gil (2002):

“Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (GIL, 2002, p. 42).

Delimitamos o nosso tipo de pesquisa a partir das contribuições de Gil e Lage, pois entendemos que uma pesquisa em movimentos sociais, precisa de inferências exploratórias, explicativas e descritivas. Visto que é nesta direção que pretendemos dar visibilidade à luta feminista e refletir sobre as formações políticas que perpassam por suas ações.

2.2 Método da Pesquisa

A nossa pesquisa foi respaldada a partir do método do caso alargado (SANTOS, 1983) que consiste, segundo este autor, em alargar a realidade através de um caso particular estudado e estender as conclusões desse estudo a casos mais amplos. Não se trata de mera generalização, mas sim de encontrar singularidades e elementos estruturais em comum que unam o caso conhecido aos não-conhecidos.

Desta forma, para estudarmos as formações políticas que perpassam o movimento feminista carecemos de um campo empírico específico, pois não conseguiríamos atingir a demanda dos vários grupos feministas com suas perspectivas singulares que travam várias batalhas pelo empoderamento. Segundo Boaventura de Sousa Santos (1983):

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é

generalizável, mas na amplitude das incidências pela multiplicidade e profundidade das interações que os constituem (SANTOS, 1983, p. 11e 12).

De forma geral a curiosidade da pesquisa é voltada para um movimento, que é amplo. Sendo assim, precisamos de um campo empírico, um espaço concreto e acessível. A partir do estudo desse caso é possível, através do método do caso alargado, estender a outros campos contemplando, assim, o movimento feminista como um todo, haja visto que sua pauta de reivindicações possui a mesma natureza e atua de forma parecida num espaço geográfico enorme que é a área do Brasil, através dos municípios.

2.3 Delimitação e Local da Pesquisa

A nossa pesquisa foi realizada no movimento feminista denominado “Marcha Mundial das Mulheres”. Neste sentido a principal característica que nos levou a escolher esta experiência foi a forma com que a Marcha Mundial das Mulheres busca realizar debates e formações que falam acerca da luta incansável das mulheres para a resistência da reprodução dessa sociedade machista e patriarcal.

A pesquisa de campo foi realizada na Marcha Mundial das Mulheres, que não possui uma sede fixa, utilizando de outros espaços como o MMTR -NE (Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste), na Casa do Pífano, Estação Ferroviária, Sinpro, entre outros espaços na cidade de Caruaru, com o propósito de levantar dados empíricos de modo a confrontar teoria e prática. Desta maneira, fomos a palestras, reuniões, formações, atos, mobilizações, vigílias.

2.4 Fontes de Informação

O trabalho de coleta de dados foi realizado com as integrantes da Marcha Mundial das Mulheres, visto que este é um movimento coletivo, onde não se tem presidenta, coordenadoras ou funcionárias. Foram escolhidas três mulheres militantes da Marcha Mundial das Mulheres – núcleo Agreste, optamos por manter a identidade das participantes em sigilo, utilizaremos os nomes de algumas mulheres feministas que marcaram a história desse movimento, sendo elas:

- Uma mulher que está presente desde a formação do núcleo Agreste, que chamaremos na pesquisa de Simone de Beauvoir²

² Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

- Uma mulher que está há mais de um ano no coletivo, que chamaremos de Clarice Lispector³
- Uma mulher recém-chegada ao coletivo, que a chamaremos de Malala⁴

2.5 Técnicas de Coleta

Fizemos uso, como instrumento de coleta de dados, as entrevistas não estruturadas (SANTOS, 1983, p. 12) com as integrantes da Marcha Mundial das Mulheres da nossa pesquisa. Justificamos também a entrevista como metodologia da pesquisa qualitativa (DESLAURIERS, 2008, p. 142). Para não impor de alguma maneira os sujeitos e não as obrigar a dar respostas ensaiadas definimos pela entrevista informal que tem o objetivo “menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados” (GIL, 2008, p. 111).

2.6 Registro do Campo

Com o intuito de mostrar da forma mais fiel possível das situações adversas do campo empírico observado, anotamos no nosso diário de campo as impressões, rituais, sentimentos, falas, descrições de pessoas, de ambiente, de acontecimentos e tudo considerado importante para elucidar o problema levantado em nosso estudo. Neste sentido, o Diário de Campo se constitui como um objeto utilizado para o registro da pesquisa

Nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevista em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações escritas no diário de campo devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer análise qualitativa. (MINAYO, 2008, p.71).

A importância dos registros de campo implica num modo conciso de reunir todas as informações do campo e uma maneira de assegurar uma análise dos dados credíveis, na medida em que o campo será um lugar de grandes aprendizagens e discursos preciosos. Neste sentido, Lage (2005) diz que,

O diário de campo é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo. É ainda, um instrumento de trabalho diário, literalmente diário, e por isso mesmo um incansável e por vezes saturante trabalho, que exige disciplina, mas que proporciona ao próprio pesquisador (a) uma

³ Autora de romances, contos, ensaios, sendo considerada uma das maiores escritoras brasileiras do século XX.

⁴ Uma ativista paquistanesa. É conhecida principalmente pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação.

grande satisfação à medida que vai sendo construído e redescoberto a cada consulta que se faz dos passos dados. Tal como um álbum de fotografias, que nos leva ao reencontro das descobertas quotidianas. (Lage, 2005, p. 452).

Neste sentido, a cada ida ao campo serão realizados os registros, por meio de notas de campo de modo a oferecer um vasto leque de informações que permeia a maior compreensão do pesquisador na análise e sistematização de dados. O Diário de campo é um instrumento valiosíssimo, pois jamais conseguiríamos memorizar todos os dados e acontecimentos que ocorreram no local da pesquisa, esse instrumento nos ajuda na realização da análise dos dados coletados.

2.7 Análise e Sistematização de Dados

Enquanto um primeiro exercício de aproximação metodológica, utilizaremos nesta investigação o método do Caso Alargado, desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos (1983) A partir do estudo desse caso é possível, através do método do caso alargado, estender a outros campos contemplando, assim, a urgência da formação política das mulheres. Segundo Lage:

Sendo assim, o Método do caso alargado propicia uma conclusão de maior profundidade sobre a investigação realizada, incidindo não apenas sobre os casos estudados- isoladamente ou comparados- mas porque oferece uma estrutura metodológica capaz de ampliar o espectro das reflexões, amplia o universo de questões importantes relacionadas com o tema e presentes na sociedade (LAGE, 2013, p. 56).

Em nossa pesquisa a análise dos dados coletados na Marcha Mundial das Mulheres, durante a observação participante, entrevistas e do diário de campo, que foi realizada a partir do problema de *pesquisa* “*Como ocorre o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres diante de uma sociedade patriarcal?*” Decidimos por sistematizar a pesquisa de campo em três categorias que apontam as interpretações e os aspectos discursivos para o amplo desenvolvimento de uma sociedade não sexista e anti-patriarcal, foram elas:

1.1 A emergência do feminismo

1.2 A formação política

1.3 Patriarcado

3. O CONTEXTO DA FORMAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO FEMINISTA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES - NÚCLEO AGRESTE

Como mulheres, nós travamos uma luta incansável pela conquista de nossos direitos e por respeito diante de uma sociedade patriarcal. Ao nascermos já são definidos estereótipos que ao passar dos anos são perpetuados cada vez mais em nossa forma de andar, falar, vestir e se comportar. Os movimentos feministas são suportes para nós mulheres no sentido de nos acolher, nos propiciar formações a respeito de quebra de paradigmas que nos são impostos, de nos unirmos, de nos mostrar o quanto podemos e somos empoderadas. Optamos por pesquisar a Marcha Mundial das Mulheres núcleo Agreste, que é um grupo que tem as decisões pautadas de forma coletiva, não tendo coordenadoras ou presidenta.

A criação da Marcha Mundial das Mulheres teve sua inspiração, a partir de uma ação local, de feministas da Federação de mulheres do Quebec, Canadá. Em maio de 1995, onde ocorreu uma marcha na qual as mulheres pediam simbolicamente “ Pão e Rosas”, como forma de pressionar o governo, para melhorar a situação econômica das mulheres. Essas mulheres desejavam compartilhar suas experiências com outras mulheres de todo o mundo, buscaram contatos com organizações de mulheres em vários lugares.

A ideia de criar uma rede global de mulheres em torno de uma campanha amadureceu e desenvolveu durante a preparação do primeiro encontro da MMM realizado em Montreal, Quebec. Neste encontro participaram 145 mulheres de 65 países e territórios, onde elaboraram uma plataforma com 17 reivindicações mundiais da Marcha, como temas principais trouxeram a eliminação da pobreza no mundo e o fim da violência contra a mulher. Também foi firmado o compromisso das participantes com a organização de uma marcha mundial das mulheres em 2000, ano do milênio, que aconteceria em 8 de março e terminaria em 17 de outubro no Dia internacional pela Erradicação da Pobreza. A partir desse encontro, tiveram início concreto de mobilizações para as ações que viriam acontecer internacionalmente.

A MMM é um movimento que luta contra todas as formas de desigualdade e discriminação contra as mulheres. Nossos valores e ações se orientam contra a mudança política, econômica e social. Onde os mesmos se centram na globalização da solidariedade e na igualdade entre as mulheres e homens, entre as próprias mulheres e entre os povos, na construção e fortalecimento de um amplo processo de educação

popular feito por mulheres e para mulheres, em respeito e reconhecimento da diversidade entre as mulheres, na multiplicidade de nossas estratégias, na valorização da liderança das mulheres e outros movimentos sociais progressistas.

O primeiro contato da Marcha no Brasil foi com as mulheres da Central Única das Trabalhadoras e Trabalhadores (CUT). Foram elas que marcaram as reuniões para discutir a proposta e definir as representantes brasileiras para o primeiro encontro internacional da MMM, que foi realizado no Quebec. Entre 8 de março e 17 de outubro de 2000, foram realizadas atividades em todos os estados brasileiros. O grande momento nacional desta ação foi a realização da Marcha das Margaridas, proposta pelas mulheres da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). O nome desta marcha foi uma referência a Margarida Alves, que tornou visível a trajetória de luta das mulheres rurais.

A MMM realizou três ações internacionais, a primeira no ano de 2000 mais de 5000 grupos de 159 países participaram e em seu encerramento foi entregue à Organização das Nações Unidas (ONU), um documento com 17 pontos de reivindicação com o apoio de cinco milhões de assinaturas; foi também o pontapé inicial da marcha para se consolidar como um movimento internacional. A segunda ação foi realizada em 2005 e foi construída a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, que expressava sua visão das alternativas econômicas, sociais e culturais para a construção de um mundo embasado nos princípios de igualdade, liberdade, justiça, paz e solidariedade entre os povos e os seres humanos respeitando o meio ambiente e a biodiversidade; nesta mesma ação foi construída uma Colcha Mosaico Mundial de Solidariedade, com retalhos de cada país. A terceira ação ocorreu em 2010, desta vez cada país realizou suas mobilizações de diferentes formatos. Teve como o tema “ Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”, foi baseada nos quatro campos de atuações Bem comum e serviços Públicos, Paz e desmilitarização, autonomia política e violência contra as mulheres.

No Brasil a terceira ação contou com um formato de marcha que percorreu um trajeto de Campinas a São Paulo, com cerca de três mil mulheres divididas em delegações que estabeleciam um processo de diálogo com as mulheres das cidades por onde passaram, promovendo atividades de sensibilização relacionadas à realidade de cada local. Reunindo mulheres rurais, urbanas, indígenas, negras, brancas, jovens, adultas, lésbicas, bissexuais e heterossexuais auto organizadas.

A principal característica e muito marcante da MMM é a batucada feminista, que tem como instrumentos musicais materiais reciclados como latas e tambores de plástico. A batucada é um espaço irreverente, onde as mulheres podem criar e recriar, onde tocam os instrumentos construindo novos ritmos e músicas com palavras de ordem a partir do cotidiano e da luta de cada mulher. Tocar é uma forma de ação política de levar o feminismo para os olhares e ouvidos da rua expressando nossas lutas e ocupando o espaço público. Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a partir da base e as alianças com movimentos sociais. Elas lutam em defesa de que as mulheres são sujeitas ativas na luta pela transformação de suas vidas e que ela está vinculada à necessidade de superar o sistema capitalista, patriarcal, racista, LGBTfóbico e destruidor do meio ambiente.

O caminho percorrido pela Marcha até chegar em Recife e se tornar o Núcleo Metropolitano, foi muito parecido com a chegada da MMM no Brasil, pois teve os movimentos sindicais como aporte para o início dos diálogos até estabelecer um grupo de mulheres. Atualmente no estado de Pernambuco temos quatro núcleos: Metropolitana, Agreste, Petrolina e Soledad Barrett.

A Marcha quando chegou ao núcleo Agreste, em 2014 quando a partir das inquietações de Iasmim Vieira e Gaby Monteiro que já tinham experiências no Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR), nesse meio termo elas ainda estavam na universidade e Iasmim fez a proposta na qual tiveram início os diálogos com Ranúzia e Gaby. A proposta seria fazer um coletivo feminista e então entraram em contato com as mulheres da Marcha Mundial da Mulheres – Metropolitana, que representavam a MMM núcleo Pernambuco; com muitos diálogos as militantes metropolitanas vieram a Caruaru para formações e em abril de 2014 aconteceu a primeira reunião convidando as mulheres para compor a Marcha Mundial das Mulheres no núcleo Agreste e assim tem início uma revolução feminista no agreste de Pernambuco.

3.1 A emergência do feminismo

Para as militantes da marcha é importante que nós mulheres compreendamos sobre o nosso papel, o significado do feminismo o que perpassa sobre os movimentos feministas e sua atuação. O grupo promove palestras, formações, atos, reuniões, manifestações com as mulheres em Caruaru com encontros alternados no domingo e na quinta-feira, sobre o empoderamento feminino e temas atuais como os casos de feminicídio, estupro, violência, entre outros.

Nesse tempo de somar lutas e trazendo a importância que o movimento feminista teve no processo de redemocratização do Brasil. Perguntei a algumas companheiras da marcha quando foi sua primeira experiência com feminismo, então percebemos o quanto a universidade é importante na construção desses diálogos, ofertando disciplinas que tragam o conhecimento, a luta e os princípios dos movimentos sociais, para que possamos nos encontrar como sujeitos participativos de uma bandeira de luta. Como nos mostram as militantes da marcha:

Com o movimento feminista veio através da universidade. Eu já brigava por alguns direitos, mas só conhecia do movimento o que as pessoas criticam. Aí quando cheguei na UFPE foi que tive conhecimento do que realmente é o feminismo e como o movimento funciona, aí me encontrei nele. (Feminista Malala, 26 anos)

A minha primeira experiência com feminismo se deu na universidade, já havia escutado muitas falas sobre o tema, mas de forma esclarecedora se deu a partir de uma disciplina ofertada pelo curso, que me deixou cheia de inquietações e me fez buscar mais informações, conhecimentos e organizações que debatessem o tema para que eu pudesse agregar e fazer parte desse movimento. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

Refletimos como hoje ainda têm muitas mulheres que não compreendem o que é o feminismo, o que é pautado, suas reivindicações, suas conquistas, suas lutas, seus retrocessos, a partir do momento que você conhece, passa pelos processos de diálogos começam a se apropriar desse empoderamento, de dizer que não vamos nos deixar ser oprimidas pelo machismo, que temos direitos, que não nos calamos diante do que a sociedade nos impõe, que se mexer com uma mexeu com todas. Em outra fala da companheira Simone de Beauvoir, a mesma cita a família como seu primeiro contato para compreender o feminismo:

Meu primeiro contato com o feminismo foi através de mulheres fortes da minha família, como minha avó, depois apresentada a algumas teóricas feministas e por volta da adolescência fui me envolvendo mais com o tema. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Compreendemos com a fala da militante, o quanto a família também tem essa representatividade, pois nas construções e desconstruções dessa sociedade patriarcal a família é um ponto de apoio, de confiança, de formação para o firmamento da nossa luta.

3.2 Formação Política

Atualmente vemos uma grande militância por parte dos movimentos sociais, com grande dificuldade, mas tendo também muitas conquistas. Vivemos um cenário no qual, as pautas de reivindicações têm uma grande demanda política, pois foi observado que se fazia necessário uma formação interna dos membros do movimento para tomada de consciência, pois esses membros é que trazem o povo para junto da sua ideologia, com isso eles se apropriavam da teoria para encontrar possíveis soluções em prol de melhorias sociais para a população. A partir dessa perspectiva em que se faz necessárias as formações para compreensão da luta em que se encontra engajada, a feminista Clarice Lispector participante da pesquisa, traz a importância dessas formações e alguns assuntos que são dialogados nesses espaços de formação:

Vejo a formação política da Marcha, como uma apropriação de conhecimento das vivências de outras compas e do científico, que nos ajudam a pautar nossas ações coletivas com propostas de reivindicações mais fortalecidas e reunindo mais companheiras para participar da nossa luta. Os temas que mais usamos são a violência contra a mulher, a emergência de mais mulheres no meio político, a luta pela democracia, a legalização do aborto, a atual conjuntura do país, a idealização de eventos como o 8 de março, etc. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

Compreendemos que a Marcha é um espaço de diálogo, onde as companheiras trocam experiências vividas, que planejam as formações pensando nas mais variadas mulheres que irão participar, utilizam de recursos artísticos, como é o caso da batucada e da mística, que ao decidirem de forma coletiva o tema pautado para a formação, utilizam de textos teóricos para fortalecer e internalizar nas mulheres a importância, o objetivo, os destaques, as relevâncias que determinado tema exige para nossa formação como mulher nesta sociedade patriarcal, misógina e sexista. Os espaços voltados para esse diálogo e aprendizagem sempre serão de grande relevância, pois, muitas mulheres ainda precisam descobrir o empoderamento que existem dentro delas e mostrar que “somos mulheres da Marcha Mundial que lutamos contra a pobreza e a opressão do capitalismo patriarcal e que vamos provocar uma revolução mundial, porque somos mulheres libertárias, feministas e revolucionárias.”

3.3 Patriarcado

Ao analisarmos o sistema patriarcal e as suas práticas sexistas percebemos que estas formam o pilar da nossa sociedade e que vem cada vez mais sendo impregnada em

nossas mentes, embora os movimentos feministas lutem diariamente contra essas opressões que nos são impostas, ainda precisamos resistir, combater e nos fortalecer para seguirmos nessa caminhada que ainda está muito longe de acabar. Podemos perceber na fala da companheira Malala que muito ainda

Embora muito se venha conquistando na luta feminista, o sistema patriarcal é pilar da nossa sociedade, de forma que muitas conquistas ainda nos faltam, a renumeração igualitária de salários, muitas mulheres ainda vivem julgadas, dominadas e sem apoio de serviços especializados, a mercê da cultura do estupro, da violência contra a mulher e culpabilização da vítima, são algumas das lutas que ainda precisamos combater. (Feminista Malala, 26 anos)

Ainda conversando com as militantes sobre sua compreensão de opressões sexistas, e de exemplos que as mesmas poderiam dar, no dia a dia, dessas formas de violência que as mulheres são condicionadas as feministas trouxeram que:

...a sociedade nos condiciona por sermos mulheres, que já é uma opressão sexista, o sexismo representam ideias que privilegiam um grupo ou uma orientação sexual isso é colocar a mulher em forma de violência(...) opressões sexistas, são violências, violências para a nossa forma de ser, de se comportar, de querer, de fazer de agir em consequência de pensar, pois nós precisaremos controlar até os nossos pensamentos, até os nossos desejos. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

...temos opressões mais diretas, como o ódio entre as mulheres, que é uma armadilha do patriarcado para não unirmos forças, desde crianças somos ensinadas a sermos rivais. Além das opressões de comportamento, como nos vestir, por onde andar, como agir, etc. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

As narrativas das feministas nos mostram o quanto é urgente as formações e diálogos acerca desse sistema patriarcal, que nos oprime cotidianamente e nos induz a rivalidade entre mulheres, que nos violentam por sermos subversivas e não seguirmos os padrões estabelecidos. A nossa luta é todo dia, pois a quebra dos estereótipos que nos inferiorizam socialmente não é fácil, as opressões sexistas nos bombardeiam em cada momento que transgredimos o que é moldado pelo patriarcado, essa afronta desestabiliza esse sistema misógino e auxilia na construção de uma sociedade igualitária.

4. ANÁLISE DO CASO DA FORMAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO FEMINISTA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES - NÚCLEO AGRESTE

Como observaremos nesse quadro síntese, onde confrontaremos as teorias lançadas pelas autoras com as narrativas empíricas das militantes da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste para a partir disso criarmos novas (re) configurações de conhecimentos:

CATEGORIA	DIÁLOGO COM OS TEÓRICOS	DIÁLOGO COM OS PARTICIPANTES	SÍNTESE
A emergência do feminismo	<p>O feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e exploração de grupos de pessoas sobre as outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (TELES, 1993, p.10)</p> <p>Em qualquer um desses espaços a presença das mulheres e, mais do que isso, de feministas tem sido fruto de múltiplas tensões resultantes de fatores como a própria resistência de um campo completamente dominado por homens à entrada de mulheres e a estratégia do próprio movimento, que muitas vezes viu o campo da política como ameaça à sua unidade” (PINTO, 2003, p. 68-69).</p>	<p>O feminismo é um movimento político que vem romper a lógica cultural e vem sobretudo assim lutar pela igualdade de direitos, mas também contra todas as formas de opressão sociais; que isto está em âmbito social, físico, psicológico, não é apenas comportamental, mas em todas as situações simbólicas. (Feminista, Malala, 26 anos)</p> <p>O feminismo luta pela igualdade de gênero entre homens e mulheres, fazendo com que as mulheres conquistem vários espaços, inclusive os espaços marcados pela presença masculina, transgredindo a lógica patriarcal. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)</p>	Podemos então compreender que o movimento feminista, vai além de um grupo de mulheres que defendem apenas seus direitos, é um movimento político que busca a igualdade entre os sexos e a transformação da sociedade patriarcal. Lutando contra a dominação masculina e as opressões sexistas que impregnam a sociedade.
Formação Política	Em qualquer contexto dado, a organização das classes subalternas é uma exigência fundamental, pois é na luta organizada que os segmentos sociais subalternos podem elevar sua consciência e sua solidariedade e se constituírem em	A formação política ocorre através de palestras, formações e reuniões onde são dialogados com os temas pertinentes ao momento social. (Feminista Malala, 26 anos)	Compreendemos que a formação política é onde as pessoas vão se apropriar mais profundamente de suas ideologias, a partir de ações sociais com o coletivo para a construção de uma sociedade democrática. E para que essa

	<p>sujeitos coletivos. (MILITÃO, 2014, p.619)</p> <p>Não basta a criação desses espaços, é preciso qualificar as pessoas para a sua devida ocupação, enfim, para que se constitua como espaço democrático, caso contrário, o que pode se ter é a criação de espaços em que a pseudodemocracia se instala, uma vez que podem servir à manipulação, à manutenção de ações comprometidas com o sistema opressor e dominante. (PERELLA, 2012, p.64)</p> <p>[...] ações sociais coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, que viabilizam distintas formas de organização e de expressão das demandas da população. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes pressões diretas (mobilizações, marchas, concentrações, distúrbios de ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.) até as pressões indiretas (GOHN, 2011, p. 335).</p>	<p>Os encontros são diversificados, podendo ser uma reunião de formação, de planejamento, de avaliação, ou debate político, além de participar de atos públicos unificados a outros movimentos e coletivos. Acredito que a participação desses processos de auto-gestão também seja a própria formação política feminista. (...) quando chegamos ao acordo de que tema será debatido, algumas companheiras se propõem a serem facilitadoras do diálogo, pensando na metodologia, didática e atividades que acontecerão. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)</p> <p>Utilizamos de intervenções culturais, marchas, protestos, a batucada nos diversos espaços políticos, escrachos, rodas de diálogo, rodas de poesia, lambes, etc. (Feminista Malala, 26 anos)</p>	<p>formação ocorra é necessário que haja uma programação, uma organização, um planejamento prévio, com assuntos que sejam pertinentes ao coletivo, pensando na atual conjuntura em que vivemos em nosso país. Entendemos também que os movimentos sociais são partes fundamentais no processo de representações sociais como interlocutores de políticas públicas, que utilizam de várias intervenções para pressionar estes espaços públicos de forma coletiva almejando uma construção de sujeitos organizados combatendo a opressão capitalista e patriarcal.</p>
Patriarcado	<p>Um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive,</p>	<p>Sinto esse tipo de opressão com a necessidade de a sociedade querer colocar as pessoas em caixinhas e querer moldá-las de acordo com o gênero. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)</p> <p>Por estar inserida dentro de uma sociedade machista e</p>	<p>Percebemos que o patriarcado forma uma sociedade que oprime as mulheres e nega os seus direitos diante da sociedade. As opressões sofridas pelas mulheres no dia-a-dia são de todas as formas, desde um corte de cabelo, o modo de se vestir, os olhares, o nosso corpo que é violado, homens que</p>

	<p>inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais (MORGANTE e NADER, 2014, p. 3).</p> <p>“O patriarcado deixa de ser uma dimensão das sociedades tradicionais e passa a ser uma característica das sociedades modernas, ou do processo de modernização, observado como um capitalismo patriarcal ou um patriarcalismo do Estado-de-bem-estar-social. (...) A exclusão das mulheres das possibilidades de contratação e os contratos salariais diferenciados para homens e mulheres são exemplos desse particularismo (NEUMA AGUIAR, 1997, p. 177 e 178)</p>	<p>misógina, as opressões são sentidas diariamente, ao sair na rua e não ter seu corpo respeitado, sendo alvo de comentários maldosos; ao assistir televisão e perceber as reproduções desses valores machistas, ao sentir que sua fala é menos ouvida pelo simples fato de ser mulher. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)</p> <p>Desde coisas "simples", como o garçom entregar a conta para o homem que está comigo e não eu, alguém esbarrar em mim e pedir desculpas ao homem que estiver comigo e não a mim... até coisas mais graves, como me ver impedida de sair sozinha a noite por ser mulher. (Feminista Malala, 26 anos)</p>	<p>recebem salários maiores que os nossos, objetificação do corpo feminino nas mídias, nos comerciais, nos programas de televisão, classificação social que nos coloca como gênero inferior, o saber científico que historicamente construído por uma identidade masculina e que nega às mulheres a participação no campo das “ciências”.</p>
--	---	---	---

4.1 A emergência do Feminismo

Para fins dessa categoria, utilizamos a reflexão de Allene Lage (2013) que nos mostra a compreensão acerca do movimento feminista e como esse movimento político busca transformar a sociedade machista e patriarcal numa sociedade igualitária de direitos entre os sexos.

As concepções feministas presentes na luta avançaram na construção de novos imaginários sociais, onde a presença da mulher tem alcançado novos estatutos de visibilidade social, porém nos livros didáticos ainda estão em descompasso no que se refere à representação da mulher e do seu papel social. (LAGE, 2013 p.130)

Desta forma, o feminismo desde o seu início com a primeira das sufragistas, já iniciaram essa luta, quando perceberam a necessidade de votarem, de serem ouvidas, de serem percebidas, de mostrar que elas também tinham direitos e que mereciam ser respeitadas, como os movimentos de mulheres tecelãs e costureiras que vão à luta por melhores condições de trabalho. A partir daí começam as reivindicações de lutas

feministas e pautam o que deve ser mudado para que elas possam ser ouvidas diante de suas necessidades. Entendemos então que as pautas das mulheres na luta pela sociedade igualitária avançaram, que muitos espaços foram conquistados, porém temos a consciência de que muito ainda precisa ser feito para visibilizar o papel social e a representação que nós mulheres temos na sociedade.

A partir desta compreensão trazemos a fala da companheira Simone de Beauvoir quando ela nos fala sobre a importância de militar na Marcha e como essa militância mudou a sua perspectiva do feminismo.

Ao participar da Marcha pude vivenciar uma luta que acredito ser necessária, urgente e estrutural da sociedade. Tive uma visão mais ampla do feminismo e de suas especificações, compreendendo e enxergando muito mais companheiras do que antes de ser uma mulher engajada. Toda essa experiência me proporciona energia e força para seguir militante e acreditando num projeto de sociedade que seja feito por e para nós mulheres. (Feminista Simone Beauvoir, 29 anos)

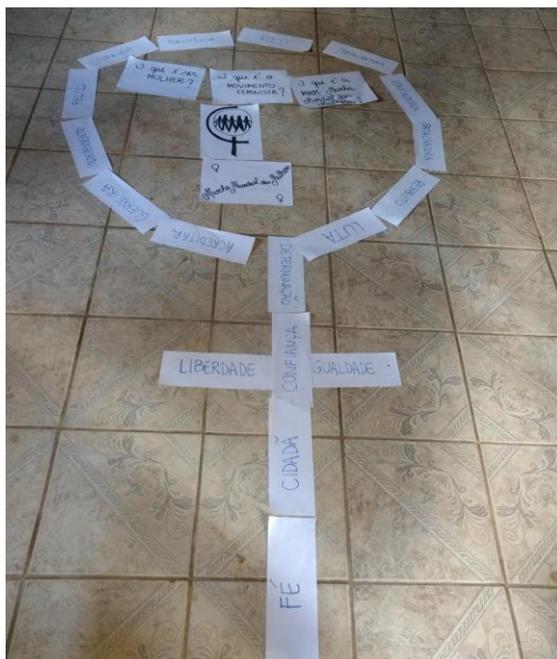


Foto 1- Acervo da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste

Sendo assim percebemos, que os movimentos feministas vão para além de querer apenas seu reconhecimento como parte integrante da sociedade, queremos desconstruir o sistema patriarcal no qual o homem tem a falsa condição de ter o poder, a força e inteligência suprema, de mostrar que nossa luta é legítima, pois vários são os casos de violação dos nossos direitos, que as práticas de opressão sexistas são repetidas de geração em geração e perpetuadas como sendo algo “normal” onde principalmente a mulher é

silenciada nos seus anseios, de criar sororidade entre nós mulheres, que somos induzidas e ensinadas a enxergar outra mulher como nossa “inimiga”, pois a luta do feminismo é para o empoderamento das mulheres para uma sociedade igualitária para ambos os sexos/gêneros e que todas unidas iremos conseguir uma sociedade que seja pensada para mulheres e com mulheres participando dessa construção.

Recordo-me ainda no dia da abertura do Congresso III Seminário Internacional do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina quando todas cantamos a música na batida do tambor o quão foi forte todas as mulheres juntas entoando que “somos as mulheres da Marcha Mundial, que somos contra a pobreza, a opressão, o capitalismo patriarcal e que vamos provocar uma revolução mundial”, essa música já sintetiza para que o movimento feminista, em especial a MMM objetiva a luta para uma transformação histórica, educacional, social, política e econômica.

Diante do atual paradigma feminista que estamos inseridas, onde o conceito de feminismo vivencia uma verdadeira subversão do seu sentido, onde encontramos vários feminismos espalhados pelo mundo, sejam eles globais ou locais, como o feminismo de mulheres negras, de mulheres latino-americanas no qual estou inserida, de mulheres trans, bissexuais e lésbicas, sindicalistas, pobres e de mulheres campesinas/rurais. Como nos falam as integrantes da MMM e participantes da nossa pesquisa Malala e Clarice Lispector que nos contam em suas narrativas de vivências feministas os vários feminismos que elas percebem ao seu redor:

Na forma de ver as diversas vertentes do feminismo, que ele está atrelado à luta de classes e que é primordial para a mudança da sociedade. (Feminista Malala, 26 anos)

Fazer parte do movimento abriu meus olhos em relações às opressões mascaradas que existem na sociedade, porque eu compreendo que dentro do movimento feminista à um leque de várias possibilidades de feminismo, eu como mulher bissexual percebo que estou inserida na Marcha Mundial das Mulheres e também me vejo no Movimento LGBT, na perspectiva feminista da minha bissexualidade, sendo assim há vários feminismos na atualidade cabe a nós como mulheres lutarmos pelo fim da opressão de gênero. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

Como podemos perceber na fala das integrantes da Marcha sobre as várias reconfigurações que o feminismo desenvolveu ao longo do século e como ele quebra com o paradigma da ciência canônica ao se situar também a uma epistemologia dentro das ciências. Como nos fala Guacira Lopes Louro (1997) sobre a importância dos estudos feministas para a ciência hegemônica:

A pretensão dos Estudos Feministas a princípio foi, como já observamos, tomar a mulher como sujeito/objeto de estudos – ela que fora ocultada ou marginalizada na produção científica tradicional. A partir de distintas perspectivas, estudiosas denunciaram lacunas, apontaram desvios ou criticaram interpretações das grandes teorias; buscaram incorporar as mulheres e, mais adiante, as relações de gênero a essas formulações. Algumas dessas tentativas de integração atingiram conceitos-chaves ou categorias centrais e, na opinião de certos/as críticos/as, descaracterizaram as vertentes a que buscavam se filiar. Mas tantos admiradores/os como adversários/as acabam por admitir que os Estudos Feministas trazem temas, questões e procedimentos novos para o mundo acadêmico. (LOURO, 1997 p. 147)

Ao compreendermos que os estudos feministas reivindicam também o caráter científico dentro das ciências e é dentro desses contextos que surgem os diversos movimentos feministas espalhados pelo mundo, e trazem também como temas transversais as relações de gênero e sexualidade, os estudos pós-coloniais, os estudos *Queers*, as novas teorias de gênero e uma nova concepção de direitos humanos. Diante desses fatos, os feminismos trazem em seus fundamentos o princípio de igualdade e principalmente empoderamento das mulheres, sejam elas brancas, negras, pardas, camponesas, LBTs e marginalizadas.

4.2 Formação Política

O cotidiano do Movimento da Marcha Mundial das Mulheres proporciona uma formação política, pautando-se nas vivências e urgências dos debates feministas contemporâneos, e nesta perspectiva compreende-se que o protagonismo das feministas da marcha é justamente o ato de reivindicar uma sociedade livre e antidiscriminatória. Reconfigurando-se como mulher, que não apenas vivencia a subalternização, mas que reivindica o seu local de fala, transformando em um ser político e social. Em face disso podemos afirmar que as experiências de formação política desenvolvidas na MMM geram uma verdadeira revolução popular, como nos fala a integrante da Marcha, a feminista Simone de Beauvoir, sobre como ocorre as formações e como elas são pensadas:

Nosso coletivo procura se encontrar geralmente quinzenalmente, os encontros são diversificados, podendo ser uma reunião de formação, de planejamento, de avaliação, ou debate político, além de participar de atos públicos unificado a outros movimentos e coletivos. Acredito que a participação desses processos de auto-gestão também seja a própria formação política feminista, mas dentro da nossa agenda, são pensados espaços para debate mais aprofundado de alguns temas escolhidos previamente, ocorrendo um encontro específico para debate desse tema. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)



Foto 2- Acervo da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste

Desta forma, a formação política que a Marcha Mundial das Mulheres realiza visa desconstruir os papéis sexuais impostos pela matriz heterossexual e patriarcal, a classificação social (raça e sexualidade), a objetificação imposta ao corpo da mulher, a subalternização na política, a desigualdade econômica, o silenciamento na ciência canônica e a educação sexista. Diante dessas desigualdades marcadas por nós feministas a formação política nos coloca numa posição de confrontar e de adquirir nosso lugar no mundo de forma autônoma e ao mesmo tempo coletiva. Como conceituam as autoras Branca Alves e Jaqueline Pitanguy (1985), sobre a formação política das mulheres “Assim, o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todas as militantes. Caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes.” ALVES, PITANGUY (1985, p.8).



Foto 3- Acervo da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste

E essa auto-organização dentro da formação política da MMM é pensada de forma transversal e interdisciplinar e possui seu caráter coletivo da divisão de suas atribuições como nos falam as integrantes feministas Malala e Simone de Beauvoir ao explicar como é feita a formação e a forma que são divididas suas atribuições:

Através de reuniões, onde são definidas as pautas, pensadas a partir do momento político social que o país ou a região que estão vivendo. Como a MMM possui uma política de auto-organização, as atribuições são definidas de modo voluntário, onde cada companheira se dispõe a participar com alguma atribuição. (Feminista Malala, 26 anos)

Nós da MMM- núcleo Agreste, tivemos algumas experiências de encontros com um número maior de mulheres. Alguns desses encontros aconteceram na sede de movimentos parceiros, podendo ter a duração de um dia (8h-17h) ou pernoitar e aproveitar a manhã seguinte para continuação da programação. Nesses encontros aconteceram debates da conjuntura política nacional, planejamentos e agendas, bem como fortalecimento do próprio núcleo. O Piquenique Feminista que aconteceu em outubro de 2015, foi um encontro aberto para apresentação e convocação das mulheres para o movimento, o evento ocorreu num parque local da cidade, contando com um número expressivo de mulheres diversas. Quando chegamos ao acordo de que tema será debatido, algumas companheiras se propõem a serem facilitadoras do diálogo, pensando na metodologia, didática e atividades que acontecerão. Essas companheiras por vez têm aproximação com o tema a ser debatido (ex.: Mulher e Saúde – as companheiras que trabalham ou são envolvidas de alguma forma na área ficam na coordenação do encontro), outras companheiras por vez ficam com a mística (atividade lúdica, artística ou que trabalhe a sensibilidade para melhor aprendermos o tema e aproximar as companheiras) que geralmente fazemos antes dos debates, e dessa forma a distribuições de tarefas são feitas, tentando não sobrecarregar nenhuma companheira. Em uma próxima formação, um novo grupo assume as tarefas, podendo ter participado ou não da facilitação anterior. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Podemos afirmar que as experiências de formação política vivenciadas pela MMM trazem à tona um novo ser feminino que busca sua autoafirmação dentro de espaços de sociabilidade entre os vários campos de atuação e de resistência. Diante dessas intensas formações coletivas, as mulheres feministas da Marcha transformam sua luta em posicionamento político, sexual de raça, desconstruindo os tabus de gênero e desestabilizando o patriarcado. A partir do protagonismo adquirido pela militância, as formações políticas da MMM se respaldam também em temas contemporâneos e contra hegemônicos como a educação e a sociedade, como nos fala a militante Simone de Beauvoir, como são escolhidos os temas políticos sociais e educacionais mais debatidos no coletivo MMM- Núcleo Agreste:

A MMM defende o direito à autodeterminação das mulheres e à igualdade como base da nova sociedade. Orientadas por esse projeto de sociedade igualitária, alguns temas aparecem por importância histórica dentro do movimento feminista, seriam eles, a defesa da legalização do aborto, luta pela igualdade no âmbito do trabalho, políticas públicas que assegurem a saúde e segurança das mulheres. E outros temas vão circunstancialmente aparecendo, devido a questões do próprio município, como o fechamento da delegacia da mulher nos fins de semana (atitude revogada depois de manifestações na frente da mesma), realocação e diminuição do espaço dado à Secretaria da Mulher, ações que visem evidenciar as pautas feministas em eventos específicos da cidade (como lambes feitos com frases de luta na época junina) e assim por diante. Além disso, existe a demanda do próprio núcleo, temas como sororidade, o papel da mulher negra na sociedade, sexualidade e direitos também aparecem como pauta, e paralelo a esses temas fazemos a análise da conjuntura política nacional, que vem mudando de forma rápida e desastrosa, nos fazendo sempre pensar no nosso papel enquanto movimento e nos posicionarmos. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Essas formações educacionais e sociais visam transformar a realidade das mulheres da MMM, colocando-as em papel de protagonismo das ações e dos debates políticos e sociais. Pois a formação política propõe uma educação indispensável na luta do dia a dia e que almejam a desestabilização do patriarcado e a sororidade entre as mulheres. Essas formações políticas estão pautadas em uma pedagogia feminista que visa, segundo Guacira Louro (1997):

-As formulações pedagógicas construídas na ótica feminista apóiam-se no reconhecimento das desigualdades vividas por meninas e mulheres em relação aos meninos e homens. (p.112)

-A pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais. (p.113)

-As pedagogias feministas pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se vêem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido (p.114)

-As pedagogias feministas na perspectiva das pedagogias emancipatórias, que pretendem a “conscientização”, a “libertação”, ou a “transformação” dos sujeitos e da sociedade. (p.115)

É trabalhando com essas práticas educativas feministas que as formações políticas da MMM visam adquirir uma prática educativa não sexista, construindo as identidades feministas para romper com o patriarcado e misoginia impostos pela dominação masculina. É dentro dessas formações propostas pela Marcha que encontramos também os distanciamentos e aproximações na possibilidade e na urgência desse empoderamento das mulheres. Como todo movimento social contra hegemônico existem várias

dificuldades para a realização dessas formações. Pela Marcha não ter sede ou local próprio, as formações dependem de espaços cedidos por outros movimentos sociais que trabalham na mesma perspectiva de justiça social e da cidadania. Entre os distanciamentos podemos encontrar nas falas das feministas Malala e Clarice Lispector, como destacamos:

Como distanciamentos percebo que algumas mulheres não se sentem confortáveis quando algumas formações praticam uma linguagem muito acadêmica, os locais em que ocorrem, pois não temos sede física e a disponibilidade diante de tantas atribuições que nós mulheres temos. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

A dificuldade maior para as formações são os locais de acontecimentos dos mesmos, pois precisamos de lugares centrais e de fácil acesso para que mais mulheres consigam participar das formações. Porém, com a disposição das companheiras na busca desse lugar estamos sempre conseguindo e as formações estão acontecendo de forma satisfatória. (Feminista Malala, 26 anos)

Como podemos perceber nas falas das companheiras, as dificuldades servem de fortalecimento e união, para que todas possam buscar as mais variadas possibilidades para sancioná-las, e que haja a formação como parte do empoderamento feminino, como nos fala a companheira feminista Simone de Beauvoir:

Creio que as formações sempre alcancem seu objetivo de aproximação das companheiras os temas propostos. A experiência de poder debater temas de interesse comum em meio a outras companheiras, esclarecer suas dúvidas, questões e medos, nos abrindo e trabalhando a própria autoconfiança converte nesse fortalecimento. Todo processo vivenciado na formação acaba por contribuir para o empoderamento. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

É dentro desses contextos emancipatórios e transgressivos que a Marcha Mundial das Mulheres transforma a formação política de suas militantes uma verdadeira epistemologia feminista. E como nos fala Guacira Louro (1997) “ Na implementação dessas disposições transgressivas ou pelo menos, questionadoras, provavelmente iremos nos confrontar com muitas e variadas fontes de reação ou resistência, e talvez também encontraremos aliados e parceiras (LOURO 1997, p.125).

4.3 Patriarcado

Dando continuidade aos estudos feministas propostos pela MMM. A maior batalha que travamos no dia a dia é o combate do patriarcado, que tem suas origens históricas e sociais ao redor do mundo e pontua a dominação masculina sobre nós mulheres. E essa dominação está intrínseca nas opressões diárias que tem como base

social e científica o sexismo. Segundo Neuma Aguiar (1997) o patriarcado tem sua perspectiva histórica no pensamento social na sociologia clássica:

– Quando as mulheres são sujeitas aos homens, contudo, o patriarca possui o poder de reconhecer ou repudiar as crianças que teve com elas, não importando se essas mães são esposas ou escravas, e também sua paternidade biológica. O controle sobre as mulheres é semelhante ao exercido sobre os animais, quando todos os direitos do senhor se estendem sobre todos os filhos tidos, dependendo exclusivamente de seu reconhecimento para que possam ser por ele sustentados. (p.172)

- O patriarcalismo como sistema de poder se caracteriza pela distância social ímpar que separa o patriarca das condições de vida dos demais membros do grupo doméstico. (p.173)

-O patriarcalismo se caracteriza, na esfera econômica, por ser um sistema de produção baseado na organização familiar, ele também se apresenta na esfera política como um sistema de comando que reproduz a autoridade do patriarca no interior da família. (p.174 e 175)

Como bem conceitua Neuma Aguiar (1997) o patriarcado está bem arraigado em nosso cotidiano e sua desestabilização se encontra hoje como principal bandeira da luta feminista, pois ao escrevermos cientificamente e lutarmos em várias bandeiras de movimentos sociais contra hegemônicos estamos fazendo uma verdadeira revolução feminista. E é diante dessas opressões diárias de caráter sexista e patriarcal que as militantes feministas da Marcha Clarice Lispector e Simone de Beauvoir nos relatam como sofrem essas opressões diárias impostas pelo sexismo e patriarcado:

Sobre opressão sexista tem-se:

Por estar inserida dentro de uma sociedade machista e misógina, as opressões são sentidas diariamente, ao sair na rua e não ter seu corpo respeitado, sendo alvo de comentários maldosos; ao assistir televisão e perceber as reproduções desses valores machistas, ao sentir que sua fala é menos ouvida pelo simples fato de ser mulher. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Sinto esse tipo de opressão com a necessidade de a sociedade querer colocar as pessoas em caixinhas e querer moldá-las de acordo com o gênero. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)

Sobre a opressão patriarcal destacamos:

Dentro dessa sociedade que cobra papéis determinados para as mulheres, me encontro numa faixa etária onde o fato de não ser casada ou ter filhos é questionada, e também é possível notar o incômodo de determinados homens ao saberem que você integra o movimento feminista e por este fato, se intimidam na fala com medo de represália. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Numa sociedade de raízes patriarcais, percebe-se que a opressão é um fator intrínseco à educação feminina ao observar-se que desde cedo a

mulher tem o dever de estar sempre subordinada à vontade masculina, ou seja, do patriarca representado pelo pai e, posteriormente, pelo marido. O sistema patriarcal tornou assim as mulheres objetos de satisfação sexual dos homens. (Feminista Clarice Lispector, 29 anos)



Foto 4- Acervo da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste

Como podemos analisar nas falas das participantes dessa pesquisa, o quanto as opressões sexistas e patriarcais moldam o ser mulher e o quanto o medo a insegurança nos faz fortalecer na luta e passar esse fortalecimento para as outras companheiras construindo então o empoderamento feminista. E essa articulação que transforma a nossa luta surge cotidianamente no combate feroz que fazemos ao sexismo e ao patriarcado. Como nos falam as militantes Malala e Simone de Beauvoir:

Acerca do combate ao sexismo apresentamos:

Além das formações que buscam uma mudança para que essas opressões não aconteçam, a MMM combate as opressões através de manifestações e escrachos de casos que acontecem. ” (Feminista Malala, 26 anos)

À medida que nos propomos a ser um núcleo, reagimos a políticas públicas que venham por vezes invisibilizar a mulher (como tornar lei que o ônibus pare fora da parada depois das 22hrs), e à medida que nos encontramos em constante processo de formação, combatemos principalmente a mentalidade sexista, permitindo assim que posturas por vezes antes silenciadas, estejam sempre em denúncia. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)

Com relação ao combate ao patriarcado trazemos:

Principalmente através de formações que buscam o empoderamento feminino, visando quebrar as situações de opressão fruto do patriarcado. (Feminista Malala, 26 anos)

À medida que vamos trabalhando temas que desconstruem a sociedade “culturalmente machista” apresentadas a nós como natural, nos

tornamos agentes de mudanças onde quer que percebamos essas opressões acontecendo. (Feminista Simone de Beauvoir, 29 anos)



Foto 5- Acervo da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste

Como podemos perceber nas falas emergentes das companheiras da Marcha, o quanto é importante e urgente o debate feminista proposto pela MMM e como os estudos feministas nos dão suporte para confrontar o patriarcado e o sexismo, e como a inteligibilidade do movimento da Marcha Mundial das Mulheres comunga com outros movimentos sociais de caráter contra hegemônico, transformando essas relações em espaços de sociabilidade. Como bem pontua Lage (2008):

Desta forma, os movimentos feministas, para além das conquistas sociais e políticas empreendidas, têm provocado importantes reflexões e novas formas de pensar num dos campos mais hierarquizantes da história da humanidade: a ciência. Nesta acepção impulsionam o surgimento de espaços para questionar e desconstruir identidades subalternizadas, que sempre foram utilizadas para justificar ausências dentro do mundo científico, pondo fim aos silenciados questionamentos sobre os rumos da ciência e dos seus projetos, interesses e compromissos. Dentro desta perspectiva, fica claro que o caminho trilhado pela ciência tem sido marcadamente sexista, pois a generalização de raça humana, enquanto uma categoria masculina assume uma universalidade que não representa, no mínimo, a metade da humanidade. (LAGE 2008, p. 203)

É dentro desses contextos de luta contra a subalternização feminina que a Marcha Mundial das Mulheres se encontra hoje. Trabalhando pedagogicamente o feminismo contemporâneo e interseccional, uma formação política pautada em descreditar o patriarcado e em busca de uma prática feminista não-sexista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o problema de pesquisa “Como ocorre o processo de formação política da Marcha Mundial das Mulheres diante de uma sociedade patriarcal”? Concluimos a partir de uma variedade de discussões teóricas fundamentadas dentro de uma perspectiva feminista e o campo empírico da Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste, como a forma política do mesmo combatem mentalidades de subalternização e opressão, frutos de uma sociedade patriarcal.

Nosso estudo demonstrou que existe uma grande urgência de se pautar a formação política dentro dos movimentos feministas e coletivos para denunciar o caráter hegemônico do patriarcado. Mesmo com a opressão na vida das mulheres a Marcha Mundial das Mulheres- Núcleo Agreste, combate ao patriarcado de forma política e pedagógica, desestabilizando o ideário sexista imposto por esse regime.

E para desestabilizar esse ideário sexista a MMM trabalha na perspectiva de um feminismo na luta de classes e interseccional com outros movimentos sociais (Movimento LGBT, Movimento de mulheres Negras, Movimento de mulheres Campesinas/rurais, MST, Levante Popular, Frente Brasil Popular, Projetos e grupos de pesquisas de Universidades públicas e privadas, etc.), promovendo ações de formação política e práticas não sexistas. E é dentro dessas esperanças de lutas sociais, que a prática política e educativa feminista se fazem tão importantes na nossa contemporaneidade, desestabilizando as classificações sociais e quebrando com os estereótipos e hierarquias de gênero.

Através do Método do Caso Alargado de Boaventura de Sousa Santos (1983), reafirmamos as urgências de se trabalhar cotidianamente a desestabilização do patriarcado, pautando em uma formação política de prática não-sexista. Através de uma análise metodologicamente aprofundada.

A Emergência do Feminismo: A luta feminista teve suas primeiras militantes mulheres que não aceitavam o silenciamento diante das decisões dos países onde moravam e reivindicações dentro do campo da ciência hegemônica. Todo esse processo histórico se caracteriza como a luta feminista por uma sociedade igualitária e de combate a dominação masculina sobre os nossos corpos. A emergência do feminismo se caracteriza como uma resposta epistemológica as discriminações e opressões vivenciadas

por nós mulheres em todos os contextos em que vivemos, assumindo um caráter de ciência feminista para uma prática educativa não sexista.

Formação política: O projeto de formação política desenvolvida pela MMM-NA trabalha na perspectiva de divisão de classes e na criação de espaços de inteligibilidade, onde essas formações servem como meio de qualificar o debate feminista e que as mulheres envolvidas nesse processo questionem a ordem vigente e dominante no qual estamos inseridas atualmente. E essas formações políticas trazem para as mulheres o combustível teórico para combater as mentalidades do patriarcado e reivindicação do ser mulher. É uma proposta utópica de sociedade, mas a resistência se faz cotidianamente, pois seguiremos em marcha.

Patriarcado: O contexto histórico e social do patriarcado tem demarcado a dominação masculina por séculos, sobre a vida das mulheres. Atualmente encontramos o patriarcado contemporâneo, que usa seus privilégios masculinos para mais uma vez subalternizar os corpos femininos. E essas opressões patriarcais demandam o ideário sexista e misógino sobre o ser feminino. E essas opressões se encontram dentro das relações amorosas, na forma como nos vestimos, o modo de andar, falar, o comportamento, a objetificação do corpo, as violências domésticas que trazem uma violência psicológica, física e patrimonial. Todas essas opressões sexistas e patriarcais são fundadas na lógica da classificação social e da lógica binária. O combate ao sexismo e ao patriarcado vivenciado pela MMM-NA surge como uma proposta política de prática educativa feminista, reivindicando o lugar da mulher na ciência, na história e na sociedade. Consolidando uma prática feminista teórica e prática e que diálogo com os vários espaços de sociedade contra-hegemônico.

As reivindicações no campo da formação política vivenciadas pela Marcha Mundial das Mulheres são de caráter de urgência, pois traçar uma linha horizontal, não linear, baseada na valorização e no respeito da luta feminista, não deve ser encarada como um privilégio ou anarquia, mas sim o combate ao patriarcado e suas ramificações sexistas, pois seguiremos em marcha até que todas sejamos livres.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. **Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro**. Gênero e Ciências humanas- desafio a ciências desde a perspectiva das mulheres. Editora Rosa dos Ventos, 1997.
- ALVES, Branca Moreira; PINTANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Abril cultural/ Brasiliense-Coleção Primeiros Passos, 1985.
- ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa, novembro/2002.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: editora vozes, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. Revista Brasileira da Educação, 2011.
- _____. **Movimentos Sociais no Início do Século XXI – Antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LAGE, Allene Carvalho. **Educação e Movimentos sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2013.
- _____. **Entre hegemonias e subalternidades, discursos e militâncias que apontam para uma ciência pós-colonial: é possível uma ciência mestiça?** Revista do Observatório dos Movimentos Sociais – Saberes. 2008
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MACEDO, Ana Gabriela. **Pós-feminismo**. Estudos feministas. Florianópolis, 2006.
- MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. Uma década de luta internacional feminista. São Paulo: Maxprint, 2008.
- MATOS, Marlise; RAMALHO, Iáris. **Mais mulheres no poder – Contribuição à formação política das mulheres**. Brasília: Cortês, 2010.
- MILITÃO, Maria Socorro Ramos. **Formação política e movimentos sociais: uma perspectiva Gramsciana**. Educação e Filosofia Uberlândia, 2014.
- MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas e científicas.

PERELLA, Cileda dos Santos Sant'Anna. **Movimentos Sociais e contribuições à formação política.** (Tese- Formação e participação políticas de Conselheiros de escola: O caso do município de Suzano-SP). Faculdade de Educação da USP, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os conflitos urbanos no Recife: o caso do “Skylab”.** Revista crítica de Ciências Sociais, n° 11, maio, pág. 9-59. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1983.

SMIGAY, Karin Ellen. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatadas de violência desafios para a psicologia política. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 2002.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

www.tse.jus.br/eleitot/glossario/termos/voto-da-mulher, acessado em abril de 2017